

AS DUAS PARTIDAS (Clorinda Matto de Turner)

Tradução de Laura Paola Ramos Alves. Revisão de tradução: Andrea Cristiane Kahmann. Revisão final e prólogo: Anselmo Peres Alós.

Nascida Grimanesa Martina Matto Usandivaras de Turner, a mulher que veio ao mundo em meados do século XIX, em Cuzco, no Peru (mais exatamente em 11 de setembro de 1852), e dele saiu nos primórdios do século XX (em 25 de outubro de 1909), ocupou um lugar de destaque na história da literatura peruana, sendo um dos principais nomes do veio romântico *indigenista* e uma das escritoras pioneiras no campo da prosa latino-americana. Todavia, no campo das letras, o que ficou gravado não foi o nome de batismo, tampouco o nome de casada, mas o seu nome de pena: Clorinda Matto de Turner.

A vivência no espaço rural, propiciada pela infância que passou na fazenda dos pais, deu à escritora a possibilidade de aprender o *quéchua*, uma das línguas autóctones dos povos originários da região que hoje conhecemos como Peru. Ao contrário da maioria das mulheres de sua época, Clorinda teve acesso à educação formal. Seu grande sonho de viajar para os Estados Unidos e estudar Medicina, entretanto, nunca se concretizou, por impedimento de seu pai. Casou-se, em 1871, com o médico e comerciante britânico Joseph Turner, que morreu dez anos após o casamento, em 1881. Pouco depois da morte do marido, a viúva Clorinda viu-se diante de sérios problemas financeiros, provocados em sua maioria por advogados e juízes corruptos que tudo fizeram para lhe sacar as posses oriundas da herança que lhe foi deixada por Joseph Turner. Foi apenas em 1889, já viúva, que publicou seu primeiro romance, a narrativa romântica *indigenista* intitulada *Aves sin nido*, uma história que causou controvérsia por narrar o amor entre um homem branco e uma jovem mestiça, de sangue indígena. O romance abordou a imoralidade sexual dos sacerdotes oitocentistas, uma vez que o par romântico protagonista de *Aves sin nido* descobriria, ao final do enredo, serem meio-irmãos, filhos do sacerdote mulherengo do pequeno povoado.

Em 1892, Clorinda fundou, juntamente com o seu irmão, David Matto, a editora *La Equitativa*, em Lima. Além de publicar o jornal *Los Andes* e muitas das obras assinadas por Clorinda Matto de Turner, merece destaque o fato de que em *La Equitativa* trabalhavam unicamente mulheres. Clorinda partiria para o exílio em 2 de abril de 1895, rumo a Buenos Aires, passando antes por Valparaíso, Santiago do Chile e Mendoza, nunca mais voltando à sua pátria, o Peru. Lecionou na Escola Normal de Professoras e na Escola Comercial de Mulheres, ambas em Buenos Aires, colaborando também, esporadicamente, como jornalista em importantes periódicos, tais como *La Nación*, *El Tiempo* e *La Razón*.

Clorinda Matto de Turner morreu em 25 de outubro de 1909, em Buenos Aires, e seus restos mortais foram repatriados apenas em 1924. Tendo nascido e crescido em Cuzco, a antiga capital do Império Inca, a escritora desde cedo se sentiu muito identificada com as

culturas dos povos originários latino-americanos. Foram recorrentes, em seus escritos, a preocupação com a precariedade da vida que os povos autóctones levavam no Peru no século XIX, bem como as precárias condições de acesso das mulheres à educação formal. Sua educação intercultural, com um pé no *castellano* e outro no *quéchua*, permitiram-lhe atuar como uma mediadora cultural, sendo ela a responsável por uma importante tradução dos quatro *Evangelhos* bíblicos, ademais de *Atos dos Apóstolos* e da *Epístola aos Romanos* ao *quéchua*.

As duas partidas, texto aqui eleito para tradução, foi publicado pela primeira vez em *Leyendas y recortes* (Lima: La Equitativa, 1893), livro de narrativas breves, muitas das quais de acentuada inspiração folclórica e popular. Os temas da morte, do feminicídio e da perseguição às mulheres por parte das autoridades masculinas dão o tom da narrativa. Repete-se, no texto elegido para tradução, como motivo literário de acento gótico, a perseguição às mulheres por parte dos homens de algum poder. O mesmo motivo pode ser percebido no romance *Úrsula* (1859), de autoria da escritora maranhense e afrodescendente Maria Firmina dos Reis, em que a jovem Úrsula é perseguida pelo próprio tio, que se consome de desejos impróprios pela sobrinha, ou no romance *D. Narcisa de Villar* (1859), de autoria da escritora catarinense Ana Luísa de Azevedo Castro, que reescreve o *script* narrativo do romance indianista brasileiro mostrando o quanto o encontro colonial histórico entre brancos portugueses e mulheres indígenas foi marcado não pelo idílio romântico, mas sim pela morte, pelo incesto e pelo fratricídio.

As duas partidas

O texto *Las dos partidas*, considerado fonte para esta tradução, está entre as páginas 11 e 20, da obra *Leyendas y recortes*, disponível em pdf no site: <http://www.cervantesvirtual.com/portales/clorinda_matto_de_turner/obra/leyendas-y-recortes--0/>. Acesso em: 10 dez 2017.

Lenda histórica

Ao doutor Fernando E. Guachalla.

I

Ao raiar do dia, abre-se uma multidão de botões que se converte em flores; assim, ao primeiro beijo da aurora primaveral, nasceu uma tenra menina que logo transformou-se na mulher sedutora conhecida pelo nome de Angelita Barreda, filha de uma distinta família cuzquenha.

Angelita cresceu alegre e saudável, para o desespero de cem gatunos nos campos que alegra Cupido. Jamais vi olhos mais negros nem mais formosos que os que a lenda concedeu para serem as janelas da alma de Angelita em um semblante rosado pelas açucenas. Eram dois focos hipnotizadores, mas com a magia de permanecerem ilesos a todo contato mundano.

Nos climas frios, cuja atmosfera está carregada de eletricidade e o céu coberto de nuvens densas que ameaçam constantemente com tormentas, desenvolvem-se aqueles caracteres cuja firmeza desafia ao mundo, ao demônio e à carne, no supremo instante da luta.

Assim sucede em Cuzco.

Seus habitantes revelam fortaleza muscular, e são também gigantes, seja em suas paixões, seja em suas virtudes. Nesses climas, cantou-se *Manchay-puito*; ali se encontram heróis do amor que imortalizaram a corrente de âmbares que perfumou, atadas uma a uma, as existências desventuradas; dali saíram essas mulheres de alma grega no coração de fogo, e ali se selou o segredo que foi revelado em Sorata, capital da província de Laricaja, depois de quarenta e cinco anos de um silêncio sepulcral, com um sumário que por si só já era um livro.

Nem mesmo aos seres que vivem no ostracismo da clausura poderíamos vê-los enfraquecidos pela vigília, naqueles climas de que me vou ocupando: a natureza se mostra exuberante de vida. Por isso, Angelita, apesar de contar somente com quatorze primaveras, reunia toda a beleza da mulher de vinte anos.

Um dia, quando, em companhia de seus pais, ocupava-se dos preparos de uma viagem de lazer, Angelita caiu morta em meio a uma poça de sangue! A pomba branca do ninho, com as asas tingidas no licor vermelho de sua própria vida, levantou voo e partiu em direção a

regiões desconhecidas... Sua morte foi a causa de um duplo crime; mas todos calaram, e até mesmo sua própria mãe afogou o soluço da alma para fingir-se de muda e chorar em silêncio.

Angelita, que nascera como as flores do cerro, morreu como o carneirinho de Abraão...

II

Em mil e oitocentos e tantos, governava como subprefeito da província de Laricaja, na Bolívia, o coronel Dom Saturnino Guachalla, e no mencionado povoado de Sorata, situado ao pé do majestoso Illampu, instalou-se uma escola de infantes regida por um professor que se dizia proceder do Peru. Aquele educandário chegou a ser um modelo de seu gênero, e seu regente gozava de fama canonizável.

Quarenta anos fazia que o professor Lorenzo recebia meninos ignorantes e desenvolvia rapazes com esperanças para a pátria e a família. Muitos de seus discípulos eram já homens de Estado, dos quais agora educava os netos. Mas o professor vivia só, absolutamente só. Por seu físico, taciturno e cadavérico, mais parecia um espectro andando. Ao professor Lorenzo poderiam aplicar-se os pensamentos de Ramos Mejía, que, em suas “Neuroses célebres” fala dos seres trancafiados em celas, onde, pela meia luz de um crepúsculo artificial, passam as sombras humanas entregues às meditações excessivas, consumidas pela anemia, pálidas e secas. No pergaminho de seus rascunhos, os trancafiados são identificados pelo sangue feito água, pela esclerótica azulada e o cérebro gemendo sob o peso de uma circulação sanguínea miserável. Também o professor Lorenzo parecia uma lâmpada próxima ao crepitar, mas... quem é que observava seu declínio rápido enquanto enchia de esmero os afazeres de um cargo imposto por sua própria vontade às suas forças decadentes?

O professor era respeitado por todos, ninguém contava seus anos, e os meninos estavam acostumados a vê-lo intumescido, magro, meditabundo, mas nunca de mau humor.

III

Certa manhã, a escola não abriu no horário de costume, e os meninos que, para tudo tinham suas manhas, e, além disso, conheciam os segredos das fechaduras, foram em direção ao quarto do professor, a quem encontraram encolhido em sua cama, quase sem respirar. Quando Andresito, um deles, aproximou-se para dar bom dia com sua vozinha estridente e um pouco assustada, os olhos de Lorenzo brilharam com a luz do relâmpago que centelha, seus nervos se sacudiram em convulsão suprema, e disse:

-Bem-vindo seja, anjo de Deus! Corre, corre, chama o padre, os vizinhos da frente, as patroas do bairro, que estou morrendo e quero...

Lorenzo nem acabara de falar quando Andrés, espremendo seu puído chapéu na mão direita, saiu correndo tão desembestado que os calcanhares alcançavam suas costas, e o coração palpitava com a comichão de dar a notícia que alvoroçaria toda a população. Em

menos de meia hora, o leito de Lorenzo estava rodeado pelo pároco e as pessoas mais notáveis. O doente parecia reincorporado e, dirigindo-se aos que o rodeavam, falou assim:

-Eu já ouço a voz da chamada póstuma; mas, antes de partir, quero que me escutem os que têm vivido junto a mim. Ah! Quanto tenho sofrido! Quanto sofro! Como todos, fui jovem e dotado de alguma beleza; a mais pura criatura nascida de mulher inflamou minha alma virginal e, por um momento, foi convertida na fogueira de Satã! Diante do impossível desejo de ser correspondido, toquei os umbrais do crime!!! Ai, homem formado de barro, barro de Adão, que traz em si o brilho que ofusca o fulgor das estrelas... Os que consomem a vida nas tranquilas horas do lar, nos braços da mulher que os ama, o que saberão dessa luta gigante que, na solidão, mantém o coração com aquele monstro cuja espada de sete fios fere, a cada passo, no redemoinho das paixões sem consolo? O que sabem do amor impossível? Ah! É lutar, dia a dia, braço a braço, retorcer-se como uma víbora cujo seio devora a peçonha, é morder-se como o raivoso com a boca a espumar e o olhar virado em brasas, é queixar-se como o condenado em cujas forças prestes a extinguir-se pende a única corda da vida. Isso, isso é que é sofrer! Isso é o que a sociedade impõe com frequência, e assim foi minha vida torturada por uma mulher a que nem eu, nem ninguém, possuiu jamais, e depois... Meu Deus! Meu Deus!

Grossas gotas de suor desciam pela testa pálida de Lorenzo; sua voz era trêmula como minguando, mas ele continuou:

— Por cinco anos, estive sem asilo; por quarenta, estive entre vocês com a apreciável calma do lago no semblante. Mas, no fundo, um enxame de víboras mordida-me sem piedade. Quarenta e cinco anos faz que meu coração sangra sem descanso! O Peru... Cuzco... Sobre esses dois nomes rolam minhas lágrimas com os afluentes que enriquecem o rio Amazonas. Lágrimas minhas, brancas pérolas que tenho juntado do céu e que ornarão a diadema do mártir cujo espírito, sublimemente purificado, elevar-se-á ao terminar minha confissão. Pude chorar. Deus teve piedade de mim! Meu pranto apagou a fogueira, e aqui descansam as cinzas! Em breve, serão cobertas pela terra jogada pela enxada do coveiro. Meu Deus, meu Deus, perdão! Aí está tudo — acrescentou o moribundo, apontando uma caixa colocada em frente a sua cama, e calou-se para sempre.

Sua alma, purificada, se havia elevado como a cândida pomba do “Cântico dos cânticos”, cruzando o espaço veloz em direção à pátria imortal! Que quadro era aquele! Os assistentes choravam impressionados pelo relato, sem compreender ainda todos os mistérios daquela revelação, e recolheram o cadáver do professor Lorenzo para estendê-lo, segundo o costume, entre quatro círios.

Mas eis que veio a renovar-se o espanto. Ah! Martírio terrível e secreto, sublime como somente o cristianismo nos revelou em seus heróis. O corpo de Lorenzo era a imagem de Jó quando, em chagas e segregado da comunidade, gemia no sumidouro. O cilício, macerando sua carne imaculada pelo jejum, lhe havia carcomido até o osso, convertendo aquela existência em uma dor prolongada. Quem haveria de explicar o espanto dos que se achavam reunidos junto ao corpo do professor Lorenzo? As mulheres, chorosas, alçavam as mãos ao

céu exclamando entre suspiros de adoração: o professor Lorenzo foi um santo! E o eco, passeando pelo desmantelado quarto do morto, acentuava a última palavra.

IV

Esbocei duas partidas.

Angelita Barreda partiu deste vale de lágrimas nas asas de um sonho ainda virginal; o professor Lorenzo, pelo caminho da penitência austera. As duas partidas começaram por pontos diferentes, mas com um mesmo final: o céu.

E o que continha a caixa apontada pelo moribundo? Ali havia um punhal de lâmina oxidada, um cordão e um hábito de religioso, tudo atado com uma larga faixa, na qual, escrito em caracteres claros, lia-se:

45 anos de purgatório.
Eu fui o padre Oros,
o assassino de Angelita.
Perdão! Perdão!

Referências (do prólogo):

CASTRO, Ana Luísa de Azevedo. *D. Narcisa de Villar*. D. Narcisa de Villar. 4 ed.

Florianópolis: Mulheres, 2001.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. 4. ed. Atualização do texto e posfácio de Eduardo de Assis Duarte. Florianópolis: Mulheres; Belo Horizonte: PUC-Minas, 2004.